

UNIDADE 34 – 24/11/2016

PROGRAMA 1 – AVALIAR SE RESUME EM APROVAR OU REPROVAR?

Os alunos vêm à escola com suas aspirações, com seus desejos, com suas expectativas, com seus conhecimentos absorvidos no dia a dia vivido nos espaços que habitam e por que transitam. Vêm para crescer como seres humanos que são. Vêm para novo espaço, novas relações, novos saberes. Vêm para descortinar horizontes, novas possibilidades de conhecer o mundo em que vivem, novos caminhos para suas vidas. Vêm para constituírem-se sujeitos que queremos cidadãos críticos, criativos, participativos, autônomos e, sobretudo, solidários, já que, por princípio, acreditamos que é possível transformar este mundo para melhor, o que significa promover uma vida digna para todos os que habitam este planeta.

Cabe-nos, educadores que somos, acolhê-los, estimulá-los, permitir-lhes alçar voo...

Para que tal objetivo se concretize, é fundamental trabalhar por uma Educação de qualidade, o que exige de nós, como já assinalava Paulo Freire, exercer o compromisso ético e político de ser professor com toda a competência possível, mesmo dentro das limitações que possam existir em nosso caminhar. Esse caminhar, se por um lado deve levar-nos à realização enquanto sujeitos dotados de aspirações e desejos, por outro, precisa do crescer coletivo dos sujeitos que compartilham determinado espaço, no caso a escola, para que o sonho maior tenha chances concretas de se tornar realidade.

Dada a importância desse mister, assume papel fundamental a avaliação, tanto aquela que desenvolvemos na sala de aula, no espaço escolar, quanto aquela que realizamos no nível de sistema, pois em ambos os casos devem levar ao sucesso de nossa empreitada.

Mas... O que é avaliar? É simplesmente atribuir notas e dar conceitos? Claro que não! Resume-se a aprovar/reprovar alunos no fim do ano letivo? Também é evidente que não! Avaliar é observar passo a passo o desenrolar do trabalho pedagógico, verificar os progressos e as dificuldades e, diante destas, replanejar as ações educativas para superá-las e, isto conseguido, seguir em frente. Avaliar exige instrumentos diversos (provas, testes, trabalhos individuais e em grupo, pesquisas etc.) e procedimentos variados (observação sistemática, registro reflexivo e avaliação dialógica), pois quanto mais se conhece cada aluno, mais possibilidades há de fazê-lo aprender. Avaliar exige três passos: levantar dados; analisar dados; decidir a partir dos dados.

Em suma, a avaliação é processo a serviço de um processo maior: o ensino-aprendizagem de conhecimentos, procedimentos, atitudes, valores e sentimentos que favoreçam a tomada de

UNIDADE 34 – 24/11/2016

consciência de direitos e deveres para uma vida cidadã e da necessidade e das possibilidades de interferir na sociedade, para torná-la mais justa, igualitária e solidária. E cabe lembrar o que dizia Paulo Freire, o Mestre: “Não há ensino sem aprendizagem”.

Portanto, ao caminhar para o último Conselho de Classe, no qual se deverá, por determinação legal, decidir pela aprovação ou reprovação de um aluno, temos de ter clareza sobre como atribuímos o Conceito Global final que marcará a vida desse aluno. Mas, antes disso, cabe ao coletivo da escola realizar uma autoavaliação do trabalho desenvolvido no ano letivo. Para isso, sugerimos as seguintes questões:

- O que o professor considera ao atribuir o Conceito Global a um aluno?
- Que critérios o coletivo da escola definiu para essa atribuição?
- Percebe-se que o Conceito Global não é atribuído a partir de uma tabela de notas?
- Entende-se que não há prevalência de uma disciplina sobre a outra na definição do Conceito Global, bem como na aprovação/reprovação de um aluno?
- Há unidade e clareza dos professores quanto a esses critérios?
- Foram utilizados variados instrumentos (provas, testes, trabalhos individuais e em grupo, pesquisas etc.) e procedimentos (observação sistemática, registro reflexivo, autoavaliação etc.) de avaliação para embasar a atribuição do Conceito Global?
- Realizadas provas e testes, fez-se sua devolutiva para os alunos, para que percebessem por que erraram determinada questão, e, a partir dessa informação, demonstrou-se o porquê do erro e reexplicou-se como resolvê-la?
- Nos Conselhos de Classe, ao longo do ano, fez-se a autoavaliação dos resultados alcançados, identificando os pontos positivos das ações pedagógicas e discutindo as possibilidades estratégicas para superar seus pontos de dificuldade?
- Findo cada Conselho de Classe, fez-se a revisão do planejamento bimestral e organizou-se a recuperação paralela e o reforço escolar?
- Assumiu-se, em suma, o compromisso de fazer com que todos os alunos se desenvolvessem como seres humanos capazes de se relacionar no espaço social por que transitam e aprendessem o essencial para compreender e atuar em seu mundo?

Por fim, acreditamos que, ao decidir a situação final de cada aluno no ano letivo, temos de nos fazer a seguinte pergunta: O aluno demonstrou potencialidades para prosseguir seus estudos no ano de escolaridade seguinte, apesar da média dessa(s) disciplina(s)? É, de fato, imperioso que repita todo um ano?

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO 4º E 5º ANOS

UNIDADE 34 – 24/11/2016

Antonio Augusto Alves Mateus Filho
Gerente de Avaliação – SME/CED/GAV